



## Repensando Tordesilhas

L.P. Macedo Carvalho\*

*Reprodução de trabalho apresentado no V Colóquio de História Militar, realizado em Lisboa, Portugal, em novembro de 1994.*

### A PARTILHA DO MUNDO

Desde a Antiguidade, o **Mediterrâneo Europeu**, berço da **bipolaridade** política, serviu de palco na disputa entre várias civilizações ou pólos de poder, pela hegemonia mundial. Assim, egípcios e fenícios, fenícios e gregos, gregos e romanos, romanos e cartagineses, bárbaros e cristãos, cristãos e muçulmanos, genoveses e venezianos, hispânicos e portugueses se enfrentaram e ganharam o Atlântico.

A partilha do mundo — conhecido e desconhecido — entre as coroas de Castela e Portugal, firmada em Tordesilhas, em

conseqüência das viagens de Colombo, ampliou a concepção medieval do espaço marítimo e terrestre do Atlântico, dando hemisférica dimensão à **bipolaridade**. Modificou a Geografia e marcou o início de outra era histórica com a imposição da primeira Nova Ordem Mundial pela delimitação das zonas de influência das duas grandes potências da época. Do contrário, teria prevalecido o estipulado no Tratado de Alcaçovas — Toledo (1479-1480), segundo o qual pertenciam a Portugal as terras localizadas ao sul do paralelo mais meridional do arquipélago das Canárias, ficando a Espanha com a área ao norte da referida linha demarcatória imaginária.

A importância da “Capitulação da Repartição do Mar Oceano”, de 7 de junho de 1494, reside nos seus inúmeros signi-

---

\* Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

---

ficados — cultural, geopolítico, diplomático, econômico, estratégico e social —, conseqüentes das transformações dele advindas no mundo. A grande expressão desse precioso legado, às vezes, foge à compreensão ou é ignorada pelas gerações que se sucederem à assinatura do Tratado de Tordesilhas.

## PROJEÇÕES INTERNACIONAIS

Múltiplas são as projeções relevantes do Tratado de Tordesilhas, ainda que pouco analisadas pela historiografia positivista.

Primeiramente, a Escola de Sagres — comparável à NASA de hoje — ocasionou brutal choque cultural do Ocidente no mundo. O **centrifugismo** luso, sobrepondo-se ao **centripetismo** castelhano, com a conquista do espaço oceânico, levou à vitória do **Poder Marítimo** sobre o **Poder Terrestre**, marco do início da **Nova Idade do Mar**, no dizer de Boorstin em *The Discoverers*. Esse memorável feito transformou o Atlântico aberto e indefinido no *Mare Clausum* português para assegurar o monopólio comercial e explorar a grandeza do mar-oceano do Ártico à Antártica. Controlados o Atlântico e o Índico pela coroa portuguesa, restava a Castela o isolamento do Pacífico.

Integrando Portugal ao mundo dito civilizado 2/3 das terras desconhecidas de então, abria-se o caminho para a **modernidade** sob o conceito do **globalismo**.

O estímulo dado por Tordesilhas ao descobrimento da *Quarta Orbis Pars* — a massa continental meridiana — somada à estabilização mundial resultante da assinatura do acordo entre as grandes potências colonizadoras, faria despontar o ameri-

canismo com a instituição dos reinos ibero-americanos quase soberanos, em função de **razões de Estado**.

Essas alterações no mapa-múndi ensejaram o avanço científico-tecnológico e do pensamento americano, sob a égide cristã, que promoveram o desenvolvimento cultural, econômico, militar, político e social, bem como o entendimento entre raças diferentes pela aculturação e miscigenação.

Tão portentosa foi essa obra diplomática no campo das relações internacionais que, reconhece Braudel, “desde o primeiro instante, inevitavelmente, a América... se converte em peça-chave da história mundial”, reorientando a cultura universal.

A transferência do ouro e da prata, descobertos nas novas terras, preparou o advento do mercantilismo, precursor do capitalismo no Velho Mundo.

O politeísmo do Novo Mundo inspirou o liberalismo na Europa.

Os povos ibéricos detinham elevado padrão cultural em confronto com o patrimônio científico quase nulo das civilizações indígenas americanas, ainda que mereça ressaltar a existência dos impérios Asteca, Inca e Maia. Porém, sem dúvida, a maior contribuição dada pelos colonizadores, de natureza cultural, foi o predomínio das línguas castelhana e portuguesa, se reconhecido ser o Espanhol o idioma com mais alto índice de escrita e leitura no mundo, e o Português o terceiro mais falado no Ocidente.

Em síntese, o grande feito ibérico está na europeização do Novo Mundo, e na transmissão de cultura lusfada, particularmente para os brasileiros.

O estabelecimento desta **Nova Ordem Mundial** foi que permitiu aos brasileiros falar Português e não Espanhol, como ocorre no

restante da América Latina, assim como ter sido Lisboa capital do Brasil, e Rio de Janeiro, capital de Portugal.

**“O Brasil nasceu da  
astuciosa interpretação  
portuguesa das Bulas  
Intercoetera romanas”**

O Brasil nasceu da astuciosa interpretação portuguesa das Bulas Intercoetera romanas.

Por outro lado, o litoral brasileiro constituiu-se em valiosa base de apoio para Portugal no Atlântico Sul, no continente americano. O Brasil foi grande escola de colonização portuguesa e fonte de riquezas, que custearam o progresso europeu e a compra das cortes de Londres e Paris, tão ao sabor da filosofia mercantilista dos idos coloniais. O Tratado de Methuen permitiu que o ouro das Minas Gerais fosse levado para a Inglaterra e a França.

Foram os habitantes das capitanias hereditárias que estabeleceram os primeiros assentamentos no litoral brasileiro e rechaçaram as incursões dos corsários e piratas franceses, ingleses e holandeses, antes da organização da Companhia das Índias Ocidentais. “Não é possível fazer maior elogio à idéia da criação das capitanias hereditárias”, assevera Hélio Viana na sua obra clássica *História das Fronteiras do Brasil*.

A união das coroas ibéricas amorteceu durante sessenta anos as questões dos limites determinados por Tordesilhas, facilitando a expansão territorial portuguesa para norte, oeste e sul, no Brasil, dado os domínios lusos

permanecerem independentes do império ultramarino castelhano.

As **bandeiras** e **entradas** penetraram em terras espanholas, verificando-se nos séculos XVI e XVII a máxima expansão no período colonial. Ao Norte, pela costa Leste-Oeste, do Ceará ao Oiapoque; a Noroeste, até o Rio Napo, no Equador, com a **entrada fluvial** de Pedro Teixeira; a Sudoeste e ao Sul, as **bandeiras** paulistas para apresar índios e em busca de minerais preciosos destruíram as reduções jesuíticas espanholas de Guaíra, Tape e Itatin, levando a linha da fronteira meridional do Brasil até a Colônia do Santíssimo Sacramento, à margem esquerda do Rio da Prata, no Uruguai. A atual configuração territorial do Brasil se deve às **bandeiras** e **entradas**. As **entradas** tiveram início no século XVI, partindo de vários pontos da costa leste em direção ao interior. Eram de natureza oficial e particular; atingiram grande parte da Amazônia e o sertão nordestino (droguistas). As **bandeiras**, em sua maioria de caráter particular, tiveram como centro irradiador a Capitania de São Vicente (São Paulo) e desbravaram terras paulistas, mato-grossenses, paranaenses, catarinenses e gaúchas. Nas **bandeiras**, destaca-se a figura de **Antônio Raposo Tavares**, comparada, por Jaime Cortesão, a de Vasco da Gama e Fernão de Magalhães. Ao Norte, nas **entradas**, desponta Jerônimo de Albuquerque, que atingiu os limites impostos por Tordesilhas, e Francisco Caldeira Castello Branco, conquistador do Pará e fundador de Belém, ficando assim invalidado o projeto da **França Equinocial**. Às vésperas da Restauração, achavam-se completamente alterados os limites traçados por Tordesilhas, levando as fronteiras ocidentais do Brasil ao sopé dos Andes e

salvaguardando a sua integridade territorial futura.

Na **Guerra Brasílica**, travada contra os invasores holandeses, a unidade nacional foi mantida, mais uma vez, graças à ação conjunta das três raças — branca, negra e índia —, pela força das armas, registrada na História Militar Brasileira. Nesta ocasião, o líder negro Henrique Dias refutou ultimato

pelo Acordo de El Pardo, de 1761, e somente pelo Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, acabou nula afinal a **Capitulação da Participação do Mar-Oceano**, de 1494 — “a peça mais importante de nossa história diplomática”, nas palavras de Jaime Cortesão.

## REVOGAÇÃO

Preservada a Amazônia, as Guianas e a Colônia do Sacramento pelos Tratados de Utrecht (1713 e 1715) para a coroa portuguesa, com fortificações militares balizando a nova fronteira do Brasil, é obtida a revogação de fato e de direito do Tratado de Tordesilhas por intermédio do Tratado de Madri, em 13 de fevereiro de 1750.

Esta obra-prima de argúcia político-diplomática lusa se deve a um paulista — Alexandre de Gusmão —, feito membro do Conselho Ultramarino e Secretário do Rei de Portugal D. João V, conhecido como o Luís XIV português, que invocando o princípio do *uti possidetis* — direito de posse ao primeiro ocupante das terras —, à luz do Direito Romano, garantiu a unidade territorial brasileira.

Na verdade, há muito tempo, vinha Alexandre de Gusmão defendendo intransigentemente a posse da terra conquistada. Para manter pontos extremos no sul do Brasil, determinou a vinda de famílias açorianas e as assentou em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Iniciava-se a colonização seletiva, em oposição à infeliz prática de povoar o Brasil com degredados. Assim, ordenou que se escolhesse casais idôneos, cujas esposas fossem prendadas e sadias, a fim de que seus filhos desenvolvessem as novas povoações. Os homens deveriam ser

***“Violado pacífica e reciprocamente por ambos os signatários, o Tratado de Tordesilhas acabou por tornar-se obsoleto”***

holandês de rendição com a resposta de que lutava pela sua **pátria** Pernambuco, sua **nação** angolana e pelo seu **rei** de Portugal, o que vem atestar não se sentir colono da coroa lusa.

Terminada a **Guerra de Sucessão** na Espanha, o primeiro Tratado de Utrecht, de 1713, preserva a posse de ambas as margens do Amazonas.

Violado pacífica e reciprocamente por ambos os signatários, o Tratado de Tordesilhas acabou por tornar-se obsoleto, aceitando os espanhóis a expansão luso-brasileira e garantindo-se, assim, a unidade territorial, lingüística e cultural do Brasil.

Somente a fundação da Colônia do Sacramento, no extremo sul do Rio da Prata, voltaria a levantar a questão de limites entre espanhóis e portugueses no Brasil. Anulado o Tratado de Tordesilhas em 1750 pelo Tratado de Madri, foi este último revogado

lavradores, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, serralheiros, sapateiros e alfaiates. Só era permitido o embarque de famílias bem estruturadas. A bordo, as ordens baixadas preconizavam que as mulheres seriam mantidas fechadas em quartos especiais, cujas portas tinham apenas duas chaves, ficando uma com o comandante e a outra com o guarda da hora. Montavam guarda à porta dos aposentos femininos, de quatro em quatro horas, dois maridos de cada vez. Apenas os esposos comprovadamente fiéis podiam levar alimentação às mulheres. Era proibido o acesso, às dependências das mulheres, de homens maiores de sete anos, salvo o médico, em caso de grave enfermidade, e o padre, no caso de morte... Tal rigidez moral fora adotada em face dos desregramentos que grassavam na sociedade lisboeta de então.

No início do século XVIII, os meridianos foram traçados com maior precisão, concluindo-se daí que o de Tordesilhas achava-se mais a leste do que se imaginava. Ficava, assim, o Brasil, reduzido à área do saliente Nordeste. Gusmão, cômico do perigo resultante disso, alertou o rei sobre a gravidade da revelação do fato. Imediatamente, criou a Academia de Matemática e Geodésia de Lisboa e formou uma turma numerosa de engenheiros geógrafos que enviou ao Brasil, com a missão de efetuar um levantamento desses limites. Esses trabalhos resultaram na confecção, em Paris, da famosa "Carta das Cortes", que alterava deliberadamente o formato do Brasil, tornando-o alongado, a fim de privar os espanhóis da visão dos domínios.

Tal cartografia fraudulenta convinha a Portugal, para reivindicar a posse das terras ocupadas, com base no *uti possidetis*.

Segundo Camilo Castelo Branco, "na esperteza de observação, na soléncia da crítica e para quem antepõe estudos sociológicos e prolixidades lingüísticas, excedeu o Padre Antônio Vieira e, na sagacidade e lucidez, foi Gusmão o mais avançado espírito do seu século".

Para Jaime Cortesão, na alentada obra *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*, ninguém estudou, meditou e escreveu mais

***"Ninguém estudou, meditou e escreveu mais sobre o Brasil, durante o século XVII, que Alexandre de Gusmão"***

sobre o Brasil durante o século XVIII do que ele.

Sua dedicação ao Brasil tornou-o conhecido como "o brasílico"; a defesa inabalável das terras desbravadas pelos bandeirantes valeu-lhe o cognome de "o diploma-

mata das bandeiras"; sua ação diplomática no reconhecimento da fronteira oeste consagrou-o, no Itamarati, como "o avô da diplomacia brasileira".

A perda da Colônia do Sacramento, pelo Tratado de Madri, foi o único ponto que provocou polêmica, mas alegou razões econômicas, militares e políticas para aceitá-la.

Vale recordar, como curiosidade, um episódio ocorrido nas negociações a respeito da Colônia do Sacramento. Ao receber as credenciais do embaixador espanhol, notou o rei de Portugal ser o mesmo capenga; no decorrer das conversações verificou ser também ignorante. Virando-se para Gusmão, comentou o rei: "Estamos com sorte. A Espanha mandou um diplomata sem pé nem

cabeça'." Assim, teria nascido a expressão popular em português "sem pé nem cabeça".

Cochilos diplomáticos levaram ao acordo de El Pardo, em 1761, já obra de Pombal, anulatório do Tratado de Madri, restaurado no Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que perdura até hoje em nossa política de fronteiras.

Além de consagrar o princípio do *uti possidetis*, para dirimir antigas querelas de limites e lutas entre os colonos de ultramar, Alexandre de Gusmão traçou, no artigo XXI

***"Muito antes de Bolivar e Monroe, já Gusmão lançava as bases do atual pan-americanismo"***

do Tratado de Madri, os fundamentos que regem ainda hoje a vida dos povos americanos. Muito antes de Bolivar e de Monroe, já Gusmão lançava as bases do atual pan-americanismo.

É importante salientar, dentro de seu espírito, a ação pombalina.

Há quem diga que em cada cidade do Brasil dever-se-ia erguer uma estátua para glorificar o gênio de Sebastião de Carvalho, que reviveu a política centralista portuguesa assegurando a unidade da colônia e preservando a Amazônia da cobiça francesa e inglesa. Amazônia que é hoje brasileira graças a Pombal. Política que o Brasil, intransigentemente, não abre mão ainda agora, quando voltam à baila pressões para internacionalizar a região.

Tordesilhas, Utrecht, Madri, Santo Ildefonso se interligaram e propiciaram essa dádiva da cultura lusófona — a unidade territorial, lingüística e cultural do Brasil.

## SIGNIFICADO E ESPÍRITO

Decorridos 500 anos, reunirem-se hoje, no torrão do Infante D. Henrique, portugueses e brasileiros, para comemorar este memorável feito resultante de não pouco significativo choque cultural do Ocidente, não faria sentido sem que se evocasse às gerações atuais as lições dadas pela audácia, bravura, competência, determinação e espírito de sacrifício do homem português e de sua herança a todos nós.

No final deste milênio e século, cumpre rever o significado do **Tratado da Capitulação da Partição do Mar-Oceano** e analisar seus múltiplos reflexos. Aquilatar o valor desse legado é repensar Tordesilhas; é a maior homenagem que se pode prestar aos heróis anônimos do passado que escreveram a história comum das pátrias portuguesa e brasileira.

Preservar o legado de que lusos e brasileiros são herdeiros é ter consciência do que representa o espaço cultural, geoestratégico, econômico, militar, político e social que serve de suporte aos povos do Atlântico.

Alguns eventos dramáticos balizam o crepúsculo do século XX:

- o fim dos conflitos Leste-Oeste e Norte-Sul;
- o despertar do Pacífico;
- a explosão étnico-nacionalista;
- o repúdio ao totalitarismo;
- o ocaso do populismo;
- a política de pólos econômicos;
- a redescoberta da democracia política e da economia de mercado.

O desmoronamento do Império Soviético revelou a miséria que se escondia atrás dos movimentos de massa e dos regimes policiais.

Os pólos de poder mundial deslocam-se pelos mares afora. O Mediterrâneo europeu, até o fim do período medieval, abrigou as grandes potências. O século que ora finda caracterizou-se pela hegemonia do Atlântico. O terceiro milênio poderá vir a ser consagrado às águas do Pacífico.

O milagre japonês, seguido do aparecimento dos "tigres asiáticos", do despertar da China e do Sudeste da Ásia levantam dúvidas futuras quanto às confrontações Norte-Sul.

O renascimento de nacionalismos extremados, paradoxalmente, no momento em que os "estados-nações" parecem ser por demais insignificantes dentro da magnitude dos problemas internacionais, faz ressurgir antagonismos étnico-religiosos.

O repúdio ao totalitarismo é generalizado e sinaliza não haver lugar para o populismo amanhã.

O naufrágio do capitalismo de Estado, do dirigismo planificado e do mercantilismo induzem à redescoberta da democracia política, às reformas liberalizantes, à integração e à economia de mercado.

Avulta a idéia de que o Estado deve intervir só para estabelecer as regras do jogo, garantir a concorrência e amparar os menos favorecidos.

Ainda que não se visualize uma Nova Ordem Mundial, esboça-se uma tendência antiestatizante, antiinflacionária e anti-depressiva.

Este cenário conduz africanos, brasileiros e portugueses a repensarem a ortogonalidade

de Tordesilhas e buscar a diagonalidade que estreite os laços dos países lusófonos, enquadrados pela América, África e Portugal.

***"O Mediterrâneo europeu abrigou as grandes potências até o fim do período medieval. Nosso século caracterizou-se pela hegemonia do Atlântico. O terceiro milênio poderá vir a ser consagrado ao Pacífico"***

Impõe-se refletir sobre Tordesilhas em termos de proposta de unidade que volte a integrar o Atlântico de Norte a Sul, de modo a não se perder a experiência do passado. Só é válido pensar-se no passado se tirarmos proveito das experiências acumuladas

para projetá-las no porvir. Só existe o presente. O presente das coisas passadas. O presente das coisas presentes. O presente das coisas futuras.

O que impelia os intrépidos navegadores da Escola de Sagres a singrar o Atlântico e contornar o Cabo das Tormentas era o espírito centrifugista lusitano. O **destino manifesto marítimo** de Portugal, sem negar os seus interesses e ligações continentais, ainda está presente hoje na opção Atlântica da Terra de Camões. O presente e o futuro ainda estão no mar. O ajuste de Tordesilhas é universalista.

Os sete países de língua portuguesa somam hoje mais de 200 milhões de almas. Estima-se que cerca de um milhão e meio de brasileiros vivam no exterior, notadamente no Japão, nos Estados Unidos e na União Européia. Calcula-se em mais de um milhão o efetivo dos imigrantes portugueses, moçambicanos e angolanos. O número dos que saem de Cabo Verde é maior do que o dos que ficam. Ainda se fala Português na Ásia

— Goa, Macau e Timor. O Português é a sétima língua viva falada no mundo e a terceira no Ocidente, depois do Espanhol. A língua mantém viva a cultura que integra nações. “A minha pátria é a minha língua”, afirmava Fernando Pessoa.

Uma agenda de amizade e solidariedade, que una o espírito globalista de Tordesilhas, pode levar a maior cooperação e a ampliar o poder político-econômico:

- na esfera internacional vislumbra-se a possibilidade de uma aliança política que defenda interesses comuns dos países de origem e língua portuguesa junto às principais organizações mundiais;

- no âmbito interno projeta-se o antigo sonho da criação de um Parlamento dos Países de Língua Portuguesa;

- no campo econômico, foi a busca de riqueza pela prática do comércio que disseminou a língua de Camões por todas as partes do mundo. Apesar da descontinuidade geográfica, a exemplo da Commonwealth, sem as deformações existentes de submissão à antiga metrópole, não existe obstáculo

intransponível às associações empresariais e intercâmbio de conhecimentos e tecnologia,

sem ter por objetivo o estabelecimento de mercado comum ou zonas de livre comércio.

As economias dos países de língua portuguesa, por se encontrarem em diferentes estágios de desenvolvimento e partici-

parem de blocos regionais, apontam possíveis complementaridades que ajudariam a galgar patamares mais elevados individualmente e a enfrentar ameaças de outros grupos internacionais competidores.

Os laços culturais que unem os povos de língua portuguesa, fundamentados em profundos e bem alicerçados traços, facilitam a interação e se beneficiam de experiência e hábitos vivenciados.

Há um terreno fértil para se lançar as sementes do bem-estar comum e do desenvolvimento, a fim de vencer o subdesenvolvimento cultural, econômico, político e social.

Para finalizar, como bem lembrou Fernando Pessoa, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. □

***“Uma agenda de amizade e solidariedade, que una o espírito globalista de Tordesilhas, pode levar a ampliar o poder político-econômico...”***

**BIBLIOGRAFIA**

A COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa, Embaixada do Brasil, junho de 1994.

BARRETO, Aníbal, Coronel. *Fortificações do Brasil*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1958.

- BESSA, Carlos. *A União de Portugal e Espanha (1580-1640). A Expansão do Brasil e o Derrube do Meridiano de Tordesilhas*. Separata das Atas dos Colóquios Internacionais. Participação Portuguesa: 1990, 1991, 1992. Lisboa, 1994.
- CADERNOS DE HISTÓRIA 500º Aniversário do Tratado de Tordesilhas — 1494-1994, nº IV. Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Lisboa, junho de 1994.
- CALAMONTE, Albertino. Major. *A Partilha Ibérica*. Suplemento do Jornal do Exército, nº 413, maio de 1994. Portugal, 1994.
- CASTRO, Therezinha de. *História Documental do Brasil*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1968.
- . *Do Infante a Tordesilhas — Sistemática Geopolítica*. Artigo. Rio de Janeiro: [19—].
- COLÓQUIOS INTERNACIONAIS. Participação Portuguesa: Madri 1990, Zurique 1991 e Turim 1992. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, [19—].
- CORTESÃO, Jaime (Organizador). *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri — Negociações*. Tomo I, parte IV. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1953.
- CUNHA, Ovídio da. *Sagres... O Segundo Choque Cultural do Ocidente*. Rio de Janeiro, Elos Clube, 1994.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Lisboa, 30 de julho de 1994.
- EJÉRCITO. Revista de las Armas y Servicios, ano IV, nº 653, julho de 1994. Espanha, Ministério de Defensa, 1994.
- JORNAL DE LETRAS, ARTES DE IDÉIAS. Especial, ano XIV, nº 618, 22 de junho a 5 de julho de 1994. Portugal, 1994.
- MARJAY, Frederic P., HABSBURG, Otto de. *Portugal entre gente remota...* Lisboa, Bertrand, 1965.
- NAÇÃO E DEFESA, nº 70, abr/jun 94. Portugal: Instituto da Defesa Nacional, 1994.
- NAPOLEÃO, Aluizio. *Rio Branco e as Relações entre o Brasil e os Estados Unidos*. Monografia. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1940.
- O DIABO, Lisboa, 5 de julho de 1994.
- OCEANOS. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses. Lisboa, Bertrand, 1994.
- OLIVEIRA, José Aparecido de. Empresa de Sete Povos. Caderno Especial, nº 606. Sindicato dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, [19—].
- SARAIVA, José Hermano. *Breve História de Portugal*. 3ª ed. Lisboa, Bertrand, 1989.
- SOARES, Teixeira. *História da Formação das Fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1973.
- VIANNA, Helio. *História do Brasil*. 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1963.
- . *História das Fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1948.
- . *História Diplomática do Brasil*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1958.